

Imaginário urbano: Brasília cidade memória

Maria Salete Kern Machado (GT-6)

Universidade de Brasília

Apresentação

Imaginário urbano: Brasília cidade memória faz parte da pesquisa que está sendo realizada com segmentos sociais, grupos sociais representativos da cidade buscando, por meio de entrevistas e histórias de vida, reconstruir a memória da capital federal.

Brasília tem sido objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento que enfatizam, principalmente, o aspecto peculiar de cidade planejada, a sua configuração urbana e os monumentos modernos que a consagraram como patrimônio da humanidade. O patrimônio é também expressão de cultura e de construção de identidades sociais e ainda são inexpressivos os estudos que abordam o cotidiano, o modo de vida de seus habitantes e suas manifestações culturais ao longo de sua história.

Brasília, cidade nova ainda tem muito a contar, uma história que ainda não é conhecida oficialmente que passa pelo cruzamento de olhares, representações e significações, e pela memória individual e coletiva .

A memória coletiva é formada por fatos e aspectos julgados como relevantes para serem registrados como memória da sociedade mais ampla mas que nem sempre reflete os conflitos sociais de uma sociedade.

A multiplicidade de identidades sociais e a coexistência de memórias sociais, de memórias alternativas – familiares, locais, nacionais, classes sociais, etc, nos coloca diante dos diversos usos que a recordação pode ter para os diferentes grupos sociais e que podem ter pontos diferentes quanto ao que é significativo ou “ digno” de ser lembrado ou esquecido.

A memória individual, assim como a memória coletiva é seletiva, refletindo vivências e experiências dos indivíduos e dos grupos sociais que podem ter interesses antagônicos em registrá-las, reconstruí-las ou mesmo apagá-las.

Segundo Halbwachs (2004) “ é impossível conceber o problema da evocação e da localização das lembranças se não tomarmos para ponto de aplicação os quadros sociais reais que servem de ponto de referência nesta reconstrução que chamamos memória”.

A memória é um elemento importante de sentimento de continuidade de uma pessoa ou de um grupo social e possibilita a percepção da reconstrução de identidades culturais e compreensão da história local. Pollak (1992:05) enfatiza que existe uma ligação estreita entre a memória e o sentimento de identidade. “A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si”

Neste artigo destacamos a memória de um grupo social específico- os escritores brasilienses – tendo em vista que a arte literária é expressão privilegiada para entender o imaginário urbano e o modo como os homens têm interagido no espaço social. A literatura constitui-se em importante instrumento para captar e reconstruir os diversos significados e registros da cidade por ser, por excelência a área da expressão do simbólico e do imaginário.

A literatura é uma das primeiras áreas do conhecimento a buscar respostas sobre as transformações da vida cidadina, ao longo da história e merece ser incorporada nos estudos sociológicos. Há tradição e reconhecimento de escritores, em vários países, que enfocam as questões advindas das aglomerações dos centros urbanos e suas repercussões na conduta de seus habitantes, principalmente a partir do século XIX, como Dickens, Hugo, Balzac, Baudelaire.

No Brasil foi a literatura que historicamente apareceu como ponto de vista privilegiado na interpretação do mundo circundante e na reflexão sobre a vida nas cidades, sobre as transformações sociais, culturais. Machado e Lima Barreto são exemplos.

A pesquisa político-social brasileira também teve suas origens na literatura, que atuando como interface com a tendência sociológica, deu origem aquele gênero misto de ensaio, confluência da História, Economia, Filosofia ou Arte, uma forma bem brasileira de investigação, como assinala Antonio Cândido. Roberto Schwartz, Alfredo Bosi em ensaios apontam a pertinência da literatura para compreensão da sociedade brasileira, caminho iniciado por Cândido, na década de 30. Alguns estudiosos de várias áreas humanas já fazem esta incorporação nos seus estudos como Willi Bolle, Bresciani, Pesavento, Sevcenko ao estudarem o Rio, São Paulo, Porto Alegre.

Brasília é uma cidade nova e sem tradição literária, comparada com demais cidades brasileiras. Contudo, desde sua inauguração, autores brasilienses escreveram a seu respeito, além de escritores famosos como Drumond e Lispector. Recuperar a memória de Brasília pela incorporação da literatura - crônicas, poesias, contos, ensaios, romances - é fundamental para a compreensão do imaginário construído sobre a cidade.

O artigo analisa como os escritores brasilienses incorporam em suas obras o cotidiano da cidade e quais os temas mais abordados. Busca apreender o imaginário social construído sobre a cidade através de diversas formas literárias - poesias, romances, contos, crônicas ensaios-e, estabelecer relações com a sociologia urbana dentro de um enfoque interdisciplinar.

Foram realizadas entrevistas com escritores, levantamento bibliográfico e consultas aos arquivos e bibliotecas para fichamento das obras literárias escritas sobre a cidade. As questões que estamos buscando respostas são: como os escritores brasilienses incorporam em suas obras temas relativos ao cotidiano da Cidade? Quais os temas abordados? Existem peculiaridades na literatura brasiliense em relação à de outras cidades brasileiras? De que forma a presença massiva de migrantes na cidade, interfere na leitura sobre a cidade? Como o imaginário social sobre a cidade reflete na literatura? As diferenças de olhares e significados de Brasília ao longo de sua história? Diferenças ou não entre escritores do plano e das cidades satélites e a incorporação do imaginário popular sobre as formas de sociabilidades e identidades na cidade?

Os primeiros anos da cidade: a construção dos espaços de sociabilidades

Os escritores entrevistados são unânimes em afirmar que Brasília é uma cidade recente comparada com demais cidades, o que não implica que tenha uma memória coletiva expressa em obras literárias.

Joanir de Oliveira falecido no ano passado, orgulhava-se da produção literária da capital federal. Poeta e organizador da primeira coletânea de poesias brasilienses da década de 60, foi Presidente da Associação Nacional dos Escritores- a ANE:

“Brasília tem um acervo significativo de obras literárias em todos os gêneros: poesia, conto, crônica, ensaio, novela e romance. Desde o início a cidade foi representada. Para muitos que aqui chegaram, a cidade foi fonte inspiradora, seja para expressar o entusiasmo com a forma totalmente nova do seu traçado urbano e com a forma de organização da vida social ou para criticar a ausência de vínculos sócias de seus primeiros habitantes. Brasília era monumento e ao mesmo tempo o vazio existencial de uma cidade em formação” (Joanir, entrevistado em julho de 2007)

Anderson Braga Horta, poeta e contista, um dos escritores mais antigos e conhecidos da cidade, com vários livros publicados e obras reconhecidas nacionalmente, ganhador do prêmio Jabuti, da

Câmara Brasileira do Livro (2001) , e que participou desde as primeiras antologias e das manifestações literárias da cidade , também comentou:

“ Brasília foi objeto de tema de poesia e de alguns poeta de nomes da literatura brasileira como Guilherme de Almeida, Cassiano Ricardo e Vinicius de Moraes. Vários escritores que vieram para Brasília por motivo de trabalho continuaram escrevendo e publicando, foram consolidando uma literatura brasiliense e começou a dar uma fermentação literária. A primeira antologia poética foi organizada em 1962 por Joanyr de Oliveira, pela editora Dom Bosco”.

A editora Dom Bosco não era propriamente uma editora mas uma livraria, das primeiras de Brasília, situada na Rua da Igrejinha onde se reuniam os escritores e que foi responsável pelas manifestações literárias, do início dos anos sessenta.

Anderson Braga Horta fala sobre a importância da livraria Dom Bosco:

“A idéia da criação da Associação Nacional dos Escritores –ANE surgiu como consequência dos debates e conversas literárias no espaço da Livraria Dom Bosco que constituía-se, naquela época, como livraria, improvisação de editora e, principalmente, local que os escritores freqüentavam. A fundação da ANE no dia 21 de abril de 1963 -, entidade não apenas local mas nacional dos escritores -, trouxe muita segurança e estímulo para os escritores de Brasília e alguns de fora também, muitos jovens e tudo isso fez parte dessa construção inicial.” (Anderson, 2010)

Fazem parte deste período inicial as primeiras antologias sobre Brasília. Poetas de Brasília, Editora Dom Bosco, 1962, a antologia de contistas de Brasília organizada por Almeida Fischer também pela editora Dom Bosco, 1965. Posteriormente várias antologias foram organizadas incorporando novos escritores que foram aparecendo no cenário brasiliense como as Antologias do próprio Joanyr de Oliveira, , um dos principais responsáveis por organizar a produção literária no que diz respeito a poesia sobre Brasília. Publicou Antologia dos poetas de Brasília (1971), Poesias de Brasília (1998), Poemas para Brasília-Antologia (2004) entre outras antologias. Aglaia Souza, escreveu a primeira coletânea sobre cronistas de Brasília “ Cronistas de Brasília” (1995)

A Associação Nacional de Escritores- ANE, é a mais antiga instituição cultural de Brasília e participaram da sua fundação escritores que buscavam dar uma identidade cultural à nova capital, como Cyro dos Anjos, Helena Silveira, José Santiago Naud, Almeida Fisher, Pompeu de Sousa, Joanyr de Oliveira, Anderson Braga Horta, Lina Del Peso, Alphonsus de Guimarães Filho, entre outros . A ANE deu origem a outras entidades como a Academia Brasiliense de Letras e o Sindicato dos Escritores de Brasília. Ainda hoje a ANE funciona como entidade que aglutina escritores e promove debates.

Gustavo Dourado, ex presidente do Sindicato de Escritores do Distrito Federal em entrevista também ressalta a importância do período inicial de Brasília para a literatura e memória da cidade.

“Brasília começa em 1956 com as primeiras crônicas de Clemente Luz, cronista por excelência da cidade e já falecido. Durante muitos anos foi coordenador do diário oficial do governo do Distrito e, ao mesmo tempo, desenvolvia trabalhos literários como cronista. Foi dos pioneiros juntamente com Antonio Carlos Osório, Santiago Naud, Joanyr de Oliveira e Vera Brant. Clemente Luz fez a primeira crônica sobre a cidade” (Gustavo Dourado, entrevista realizada em 2005)

O caderno “ Diversão e Arte” do Correio Braziliense de 22 de fevereiro de 2010 dedicou uma página a Clemente Luz, referindo-se como o cronista de Brasília, o jornalista que registrou com lirismo, histórias dos primeiros tempos de Brasília.

“ Eram crônicas belíssimas que ilustravam bem aquele áureo período. Retratavam aquela geração de homens rudes, de operários, de gente que veio tentar a vida. Ele tinha afinidade com o povo e conseguia transmitir aqueles pensamentos, aquela aura de nossos primeiros habitantes de uma maneira suave, clara e lírica” , revela o escritor Adirson Vasconcelos que foi amigo de Clemente.

O escritor **Clemente Luz** fala sobre a história de Brasília no período da sua criação. Cronista exemplar, nada se perde no seu olhar minucioso sobre a cidade. Transferido desde 58 para a capital, foi redator da rádio Nacional de Brasília e correspondente da Agência Nacional.

No dia da inauguração da cidade em 21 de abril de 1960 já tinham crônicas escritas, retratando os vários ângulos dos canteiros de obras: o trabalho árduo do candango, o ritmo das máquinas possantes, o entusiasmo, os costumes, o tédio, o lazer, a vida dos pioneiros, da cidade que nascia. Desse período nasceu o livro **Invenção da cidade**, editado em 1968 e que recebeu de do então presidente Juscelino as seguintes palavras:

“Toda a poesia das longas noites de trabalho, toda esperança das horas infatigáveis da construção estão contidas em suas páginas. É um diário que fala e faz chorar de saudade. Foi feito em prosa mas é o poema da cidade”(Juscelino,1960).

Neste livro, Clemente retrata vários aspectos da cidade em sua criação, sentimentos, edificações, natureza, festas, trabalho, comida e a criação da cidade livre, hoje Núcleo Bandeirante:

“ Há de ser escrita a história de uma cidade...não da cidade edificada dentro dos padrões de engenharia e beleza, mas plantada no corpo e no coração dos homens e das mulheres, sujeita, do mesmo modo, às intempéries, às doenças, aos fracassos e aos sucessos. Uma cidade que viveu sob a chuva e sob a poeira, encharcada no barro e afogada no pó...Suas ruas, de terra vermelha, eram pisoteadas diariamente por pés apressados que a palmilhavam em busca de destinos e de fortuna...um dia , há de ser escrita a saga de uma cidade....” (pg.27)

Descreve o primeiro Natal em Brasília, trazendo para o presente os sentimento daqueles que estavam construindo a cidade:

“...poucos os que ficaram em Brasília, além dos candangos, sem condições de viagem, como o pássaro implume, sem condição de vôo. Aos empregados mais categorizados, as firmas construtoras e a NOVACAP facilitaram tudo: ônibus, caminhões e aviões especiais. Na casa sem móveis, homens solitários se entreolhavam, procurando esconder a saudade em gargalhadas forçadas. Quando soou a hora de ser ouvido o sino de Belém, não havia Belém nem sino... Nos amplos descampados do Planalto, onde as pesadas máquinas marcavam o ritmo do trabalho mecânico e humano dia e noite, naquele instante só existia o barulho da chuva, barulho miúdo, renitente, enervante.” Em outra passagem, nos relata: “ A cidade é inventada e se inventa, a cada instante, ante os olhos atônitos de homens e crianças. É a jovem futura cidade que, como uma jovem futura mulher, está desabrochando para a vida...” (pg. 30)

Comparando-o com Salles no filme Central do Brasil, ressalta-se o fato de “Candangos”(os pioneiros) que sabiam escrever serem procurados por dezenas de milhares de homens de todas as regiões para corrigir ou escrever cartas. Confinados nos alojamentos da Novacap, sentiam a solidão na cidade e, transferiam para o papel, em letra quase ilegível, as mensagens de saudade, de amor, de perdão aos entes queridos.

A imagem da cidade em formação é a tônica encontrada não apenas em crônicas mas nos demais gêneros literários. Este fato foi percebido ao analisar também as antologias feitas desde o início da capital revelando como a cidade vem sendo retratada e recuperando o imaginário social construído ao longo de sua história.

Napoleão Valadares, escritor antigo da cidade e responsável pela primeira obra que busca reunir todos os escritores da cidade, de todos os gêneros literários, o *Dicionário de Escritores de Brasília* (1994) fala sobre os romances que considera relevantes neste período inicial:

“ Não podemos deixar de recordar, quando resgatamos a memória dos primeiros escritos sobre Brasília do livro “ *Diário de um Candango*” de José Marques e “ *O ventre da Baleia*” de Esdras de Nascimento” (entrevista de maio de 2006)

José Marques da Silva escreveu um diário dos primeiros anos de Brasília que relata o abandono da cidade depois que acabou o governo Juscelino. O livro **Diário de um candango** foi publicado em 1963, pela Edições O Cruzeiro.

Nas pesquisas de jornais descobri uma matéria sobre este autor e este *Diário do Candango*, no blog da Conceição, na “Crônica da Cidade” de 08/06/2008 que descreve:

José Marques “ é um homem triste, quase deprimido, solitário, cercado pela multidão de operários e prostitutas, de candangos perdidos no abismo das promessas não cumpridas, de bêbados, ladrões, policiais truculentos, ladrões, todos dividindo o chão com uma epidemia de ratos”. A Vila Planalto já não é mais o acampamento dos engenheiros, não tem mais a santa proteção da Novacap. Juscelino já se foi e agora quem manda é Jânio Quadros, ele e sua declarada antipatia por Brasília. A Vila logo se transformou num gueto sujo e lamacento de candangos desvalidos e entregues à sua própria sorte. Ao final do seu diário de três meses na Vila Planalto, José Marques se despede. Diz que vai embora de Brasília, mas voltará para contar mais sobre a cidade. “Não com o estilo dos grandes romancistas, sumidades que dão o toque harmonioso a uma narrativa; quero lhe contar com estes vocábulos que em jornais aprendi, pois eles é que são os meus livros”.

O romance “**O Ventre da Baleia**”, de Esdras do Nascimento(1980), retrata o cotidiano dos habitantes da cidade, período da consolidação da capital federal brasileira. A cidade descrita é ainda cidade sem memória, sem passado, sem história. Cidade recém- nascida, que começa a dar os primeiros passos e a criar uma história. Seus personagens são os primeiros habitantes. Cidade e homem se colocam na mesma posição de estranheza. Ambos têm o mesmo caráter pioneiro. A cidade é pela primeira vez habitada, e os habitantes são pioneiros.

Brasília aparece no romance como uma cidade que se concretiza na presença de indivíduos de carne e osso, cujos sonhos, desejos e necessidades vão afirmar e/ou negar as duas utopias presentes na sua criação: a política e a arquitetônica. Os personagens retratados por Nascimento são indivíduos solitários, inadaptados, sem vínculos e raízes sociais. São estrangeiros na cidade. Os espaços de convívio social ficam restritos ao local de moradia, ao trabalho, aos clubes. A cidade não é feita para flunar. Não tem esquinas e as pessoas só andam em automóveis ou em coletivos. Os espaços são abertos. Não há multidão nem congestionamento de pessoas. Não há como se perder nos labirintos da cidade. A peculiaridade do espaço urbano é também representada pelo autor como positiva. A cidade convida os indivíduos à introspecção e à interiorização.

“ No começo os grandes espaços angustiam, mas a pessoa termina se acostumando. Quando vai passear noutros lugares, estranha os edifícios colados uns aos outros, irrita-se com as calçadas cheias de gente, impacienta-se com as filas e sonha com os amplos gramados de

Brasília. É como se a geografia interior da pessoa tivesse se ampliado e não mais encontrasse correspondência na geografia exterior.”(Nascimento,p.111)

Joamir de oliveira cita, entre os primeiros romances de Brasília **A fome dos rebanhos** de Iziodoro Soler Guelman:

“ Não podemos deixar de trazer para o presente, as memórias contidas neste livro de Idizio Soler Guelman. Passado nos tempos da criação de Brasília retrata os funcionários transferidos, os candangos, primeiros habitantes da cidade, revelando os dramas da conviência e da solidão na cidade nova” (entrevista de julho de 2007)

Luiz Carlos Guimarães da Costa, falecido também, autor que escreveu **Historia da Literatura Brasiliense** (2005) também faz considerações sobre a importância da literatura brasiliense desde a criação da cidade e a presença de importantes escritores nas diversas formas de literatura:

“ Na busca de uma identificação cultural, os habitantes escritores de Brasília buscam unir suas aspirações, desejos e talentos, transformando este lugar multifacetado do brasileiro em uma congregação de brasilienses. Surgiram inúmeras antologias de contos e poemas que, ao lado de obras individuais, começaram a construir literaturas brasilienses” (declaração de e Luiz Carlos G. da Costa 2005)

Sobre este período inicial de Brasília ainda podemos citar obras que mesmo sendo escritas na atualidade trazem a memória dos anos iniciais da capital. É o caso do recente livro de João Almino **Cidade Livre**(2010) , belo romance que por meio de ficção reconstrói o cotidiano do primeiro núcleo habitacional de Brasília, a Cidade Livre que passou posteriormente a ser chamada de Núcleo Bandeirante, exatamente por ser o núcleo pioneiro.

A obra de Almino tem sido referenciada por escritores nacionais como Moacyr Scliar que o coloca “ entre os melhores autores do nosso país. O Brasil está resumido em suas páginas” e Silviano Santiago que comenta: “ são as vozes migrantes que o ouvido afinado de João Almino vem surpreendendo. Capta-as com sua implacável Kodak romanesca.” (2010)

A literatura inicial de Brasília é importante para reconstruir a memória da construção e consolidação da capital federal, período da vinda de migrantes com valores e modos de vida distintos. Os escritores entrevistados apresentam os vários significados atribuídos a cidade. Cidade do futuro, como também configuram-se pressupostos negativos em relação a Brasília como cidade administrativa, do poder, da burocracia.Cidade setORIZADA, cidade dos automóveis. Outro aspecto significativo na representação da nova capital era a de ser composta por pessoas de várias localidades, constituindo uma nova forma de sociabilidade devido ao pluralismo de costumes e de diversidades nas identidades culturais.

Consolidação da capital e a expressão literária

Atualmente Brasília está consolidada como cidade e tem uma história para contar que passa por cruzamento de olhares e significações. Evidentemente que as características retratadas neste período inicial estão modificadas devido as inúmeras transformações ocorridas ao longo dos anos em todas as atividades. Apresenta uma identidade espacial e cultural resultante da multiculturalidade de seus habitantes de várias regiões do país e do exterior. Tornou-se uma metrópole, completamente diferente daquela descrita nos anos de sua formação.

Wilson Pereira, escritor e responsável pela organização do livro **A Literatura Brasiliense** (1999) comentou:

“ Na década de noventa Brasília já estava consolidada e com uma produção literária significativa, muitos autores daqui mesmo, ou seja, moradores de Brasília, como o falecido Cassiano Nunes que deixou obra importante e o Anderson Braga (Premio Jabuti de 2001), por exemplo. Fiz o livro com a intenção de dar subsídios para os professores da rede pública de Brasília darem a literatura brasiliense nas escolas do Distrito Federal. Mas de lá para cá, dos anos noventa em diante, muita literatura de boa qualidade apareceu e o meu livro já está desatualizado, o que pretendia fazer. Sei que o Napoleão Valadares está lançando outro Dicionário de Escritores de Brasília com dados mais recentes do que tinha no seus outros livros. É o terceiro livro que produz abrangendo o maior número possível de autores” (2010)

Estes comentários de Wilson são significativos para demonstrar que muitos autores têm surgido na cidade, como ele mesmo acrescentou:

“ Brasília tem uma literatura muito rica e de nível nacional. Vários livros publicados e escritores novos surgindo não só no Plano Piloto mas em todo o Distrito Federal. O Salomão Souza, poeta conhecido e que organizou uma antologia importante no ano passado (2009) e mora no Núcleo Bandeirante, o Jair Vitória do Guará e o Viriato Gaspar que também não é do Plano. Infelizmente a mídia coloca o foco na produção literária de São Paulo e Rio de Janeiro, locais que centralizam as editoras de renome e muitos escritores daqui não são divulgados como mereciam ” (2010)

Indaguei ao Wilson quais dos escritores novos colocam em suas obras a cidade de Brasília como narrativa ficcional e respondeu:

“ Existem muitos escritores importantes em Brasília. Não necessariamente a cidade de Brasília é cenário ou objeto de narrativa. No que se refere a cidade ser elemento fundamental da obra posso citar na poesia o Nicolas Behr que veio muito cedo para Brasília e logo começou a escrever, fazer parte de movimentos culturais importantes como o Grupo Cabeça e retrata constantemente Brasília em sua poesia. É o poeta de Brasília” (2010).

Na área do romance um dos nomes que tem se destacado ao trazer Brasília na narrativa ficcional é Lourenço Cazarré, morador atualmente de Brasília, jornalista, recebeu vários prêmios literários pelos contos e romances, de âmbito nacional, a Bienal Neslé (1982 e 1984) e o Premio Jabuti, 1998.

Publicou **A longa migração do temível tubarão Branco**(2008), que fala de um importante jornalista de Brasília que sofre um enfarte na Esplanada dos Ministérios e ao ser levado para uma clínica recebe do médico, que tem um método peculiar de tratar os pacientes, a incumbência de escrever sobre sua vida ao invés de redigir notas jornalísticas como o paciente queria fazer enquanto repousava. Neste livro aparece Brasília, o poder, o jornalismo, a medicina e as relações familiares. Recentemente publicou **A Misteriosa morte de Miguela de Alcazar** (2009) no qual novamente Brasília aparece no romance e o personagem principal é um repórter policial que trabalha num jornal local.

Um dos trabalhos interessantes de Lourenço foi a recuperação da memória das Feiras do Livro de Brasília, **O livro das Feiras do Livro de Brasília – 1982-2006**, publicado pela editora LGE, 2006. Trata de assunto relevante retratando como seriedade, por meio de depoimentos de livreiros mais antigos, recortes de jornais e crônicas de autores locais, a história das feiras de Brasília que hoje se tornou um evento importante na cidade, reunindo uma multidão no Pátio Brasil Shopping.

Com relação as feiras de livro tive a oportunidade de entrevistar a Iris Borges personagem importante em Brasília na área de promoção de eventos culturais/ literários, uma das responsáveis pela concretização das feiras de livro na cidade e distribuição de livros, sendo a dona da Livraria Arco Iris e atualmente da Casa de Autores, local de encontro de escritores. Os depoimentos de Iris, trazem para o presente, fatos significativos da vida cultural da cidade.

A pesquisa ainda está em andamento e várias entrevistas estão sendo realizadas no sentido de reconstruir a memória de Brasília, cidade nova e que tem muito a ser contada e reiventada.